

Papilomatose oral em cão: relato de caso

Bruna Warmling¹, Flávia Coelho de Souza^{2*}, Ewerton Cardoso³, Marcelo Becker⁴, Rafael Silveira⁵, Mateus Rychescki⁶

¹Médica Veterinária Especializada em Nefrologia do Hospital Veterinário Florianópolis. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

²Doutora- Pesquisadora do Hospital Veterinário Florianópolis. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

³Professor de Cirurgia do Centro Universitário Barriga Verde, Departamento de Clínica Cirúrgica, Orleans, Santa Catarina, Brasil.

⁴Médico Veterinário Clínico do Hospital Veterinário Florianópolis. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

⁵Farmacêutico Responsável pelo Laboratório do Hospital Veterinário Florianópolis. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

⁶Médico Veterinário Especializado em Cardiologia do Hospital Veterinário Florianópolis. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

*Autor para correspondência. E-mail: flaviacoelho@floripa@gmail.com

Resumo. A papilomatose oral canina (POC) é a doença neoplásica autolimitada mais comum em cães, causada pelo papilomavírus oral canino (COPV). Apesar da autorregressão, o tratamento dos casos de papiloma oral é fundamental devido às dificuldades físicas que o animal enfrenta ao ingerir alimentos, à restrição de interação social com outros cães, bem como à ocorrência de anorexia, sialorreia, halitose, sangramento, infecções bacterianas secundárias e secreção purulenta adjacente aos papilomas. Em cães, a azitromicina é utilizada para o tratamento de diversas afecções bacterianas, apresentando bom perfil de segurança. Considerando relatos prévios e observações clínicas, levantou-se a hipótese de que esse fármaco poderia estar associado à regressão das lesões em casos de papilomatose oral canina. Neste relato de caso, descreve-se a evolução clínica de um cão submetido à remoção cirúrgica das lesões, seguida da administração de azitromicina, no qual foi observada regressão completa das lesões durante o período de acompanhamento. Os achados são apresentados como uma observação clínica inicial, reforçando a necessidade de estudos controlados para avaliar a eficácia terapêutica da azitromicina na papilomatose oral canina.

Palavras-chave: Azitromicina, cães, oral, papiloma.

Oral papillomatosis in dog: case report

Abstract. Canine oral papillomatosis (COP) is the most common self-limiting neoplastic disease in dogs, caused by the canine oral papillomavirus (COPV). Despite its tendency toward spontaneous regression, treatment of oral papilloma cases is essential due to the physical difficulties animals experience when ingesting food, restrictions on social interaction with other dogs, as well as the occurrence of anorexia, sialorrhea, halitosis, bleeding, secondary bacterial infections, and purulent discharge adjacent to the papillomas. In dogs, azithromycin is used for the treatment of several bacterial conditions and has a favorable safety profile. Based on previous reports and clinical observations, the hypothesis was raised that this drug could be associated with lesion regression in cases of canine oral papillomatosis. In this case report, the clinical course of a dog that underwent surgical removal of the lesions followed by azithromycin administration is described, in which complete regression of the lesions was observed during the follow-up period. The findings are presented as an initial clinical observation, reinforcing the need for controlled studies to evaluate the therapeutic efficacy of azithromycin in canine oral papillomatosis.

Keywords: Azithromycin, dogs, oral, papilloma.

Introdução

Os CPVs são os principais agentes etiológicos associados a diversas lesões cutâneas em cães ([Boehm et al., 2021](#); [Fernandes et al., 2009](#); [Suhett et al., 2016](#)). Os problemas clínicos causados pelos CPVs incluem placas virais pigmentadas, papilomatose oral, papilomas exofíticos cutâneos, papilomas endofíticos cutâneos, papilomatose digital, papilomas genitais e, embora raramente, carcinomas espinocelulares (CECs) *in situ* ou invasivos ([Campbell et al., 1988](#); [Dias et al., 2013](#); [Feitosa et al., 2022](#); [Lange et al., 2019](#); [Lange & Favrot, 2011](#); [Vieira & Poggiani, 2012](#)).

A papilomatose oral canina (COP) é a doença neoplásica autolimitada mais comum em cães causada pelo papilomavírus oral canino (COPV) ([Suhett et al., 2016](#); [Thaiwong et al., 2018](#)). Cães com menos de quatro anos de idade são comumente afetados e não há diferença na prevalência de COP entre diferentes raças de cães sem predisposição de gênero ([Biricik et al., 2008](#)). A COP é caracterizada por alta morbidade e baixa mortalidade com bom prognóstico, e o animal permanece imune pelo resto da vida ([Greene & Appel, 2011](#); [Lange & Favrot, 2011](#)). Cães mais velhos, filhotes e cães imunocomprometidos são mais suscetíveis a contrair o papilomavírus. A COPV afeta a mucosa oral do cão (cães com menos de dois anos de idade) e a pele de cães mais velhos ([Campbell et al., 1988](#); [Miller et al., 2013](#); [Sundberg et al., 1994](#)).

Devido ao papel do microtrauma na entrada do PV no epitélio, os papilomas virais são mais comuns na boca, nas patas e ao redor das orelhas e rosto. Eles normalmente causam pouco desconforto ao cão, embora raramente possam causar claudicação ou dificuldade para comer ([Gould et al., 2021](#)). Os papilomas virais são mais frequentemente causados por CPV1, 2 ou 6, embora outros tipos de CPV e infecções mistas tenham sido relatados nessas lesões ([Lange et al., 2019](#); [Lange & Favrot, 2011](#)).

Como se espera que os papilomas virais caninos se resolvam espontaneamente e raramente causem desconforto, a maioria não é tratada. No entanto, se o tratamento for necessário, é indispensável destruir todas as células infectadas, por exemplo, por crioterapia ou excisão cirúrgica ([Dias et al., 2013](#)). Apesar da ampla variedade de tratamentos descritos, não há consenso quanto à existência de terapias medicamentosas capazes de acelerar de forma consistente a regressão das lesões, uma vez que a evolução clínica é frequentemente influenciada pela resposta imune do hospedeiro ([Richman et al., 2017](#)).

A azitromicina, um antibiótico macrolídeo da subclasse dos azalídeos, é amplamente utilizada na medicina veterinária devido ao seu bom perfil de segurança e tolerabilidade. Embora seu uso esteja bem estabelecido no tratamento de infecções bacterianas em cães, seu papel no manejo da papilomatose canina ainda não está claramente definido. Considerando relatos prévios e estudos pontuais que sugerem possível associação entre o uso da azitromicina e a regressão de papilomas em cães ([Yağci et al., 2008](#)), levanta-se a hipótese de que esse fármaco possa estar associado à evolução clínica favorável em casos selecionados, sem que se possa, contudo, estabelecer relação causal direta.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo descrever a evolução clínica de um caso de papilomatose oral canina tratado por meio de abordagem cirúrgica associada à administração de azitromicina pelo período de 10 dias, contribuindo de forma observacional para a discussão sobre possíveis estratégias terapêuticas.

Relato de caso e discussão

Foi atendido um canino de nove meses de idade, da raça Samoieda com queixa de persistência de lesões orais com características macroscópicas de papilomatose canina ([Figura 1A](#)). Já haviam sido empregadas técnicas farmacológicas rotineiras, porém sem efeitos visíveis. Devido ao desconforto oral que o paciente apresentava optou-se pela retirada cirúrgica assim como a obtenção de amostras para a realização de exames histopatológicos.

O paciente foi submetido ao procedimento sem complicações trans ou pós-operatórias e o histopatológico confirmou a suspeita de papilomatose viral oral ([Anexo 1](#)). Após apenas 2 semanas da retirada cirúrgica, visualizou-se novas lesões em cavidade oral ([Figura 1B](#)). Diante do ocorrido preferiu-se optar por tratamento conservativo com o emprego de azitromicina 10 mg/kg uma vez ao dia pelo período de 10 dias. Ao longo do tratamento pode-se perceber progressivamente a resposta clínica do

paciente e após o término, verificou-se a completa remissão das duas lesões. Durante o período em supervisão não se verificou episódios de recidiva.

Os papilomas virais desenvolvem-se como uma resposta normal das células epiteliais às proteínas do papilomavírus (PV) e, embora essas lesões já tenham sido classificadas como neoplasias, são mais corretamente consideradas hiperplásicas ([Dias et al., 2013](#); [Lange & Favrot, 2011](#); [Munday et al., 2017](#); [Vieira & Poggiani, 2012](#)). Uma vez que o organismo gera uma resposta imune mediada por células, as verrugas tendem a se resolver. O tempo para resolução é variável, e a maioria dos papilomas regride em três a seis meses, embora as lesões possam persistir por até dois anos ([Munday et al., 2017](#); [Sancak et al., 2015](#)). Esse comportamento autolimitado da enfermidade dificulta a avaliação da eficácia de intervenções terapêuticas, especialmente em estudos observacionais ou relatos de caso, nos quais não há grupo controle. Dessa forma, a melhora clínica observada após determinada intervenção pode coincidir temporalmente com o curso natural da doença.



Figura 1. Aspectos macroscópicos da papilomatose oral canina: **A)** lesão papilomatosa em borda de língua; **B)** lesão papilomatosa em mucosa oral evidenciada na comissura labial.

Diferentemente do que se supôs inicialmente em alguns relatos, a azitromicina não constitui tratamento padrão para verrugas virais em humanos, e sua atuação direta sobre o papilomavírus não está claramente estabelecida. A vacinação terapêutica tem sido proposta como benéfica, tanto por meio de vacinas autólogas quanto de vacinas baseadas em partículas semelhantes a vírus do capsídeo ([Kuntsi-Vaattovaara et al., 2003](#)). Embora essas vacinas possam estimular elevados títulos de anticorpos, não demonstraram eficácia em promover a resposta imune mediada por células necessária para a resolução das lesões ([Nicholls et al., 1999](#); [Richman et al., 2017](#)).

O creme de imiquimode é utilizado no tratamento de verrugas em humanos. Embora esse tratamento provavelmente seja eficaz para papilomas virais cutâneos menores em cães, deve-se considerar que seu mecanismo de ação envolve a indução de necrose mediada por linfócitos das células epiteliais ([Miller et al., 1999](#)). O creme não apresenta ação específica contra os PVs e, portanto, não oferece vantagem em relação a outras técnicas, como crioterapia ou cirurgia, que promovem a destruição das células epiteliais infectadas. Outras terapias, incluindo tratamentos naturais e homeopáticos, têm sido sugeridas como benéficas ([Monteiro & Coelho, 2008](#); [Queiroz et al., 2015](#); [Raj et al., 2020](#)); porém, evidências conclusivas de sua eficácia são difíceis de comprovar em lesões que apresentam regressão espontânea.

Apesar da autorregressão, o tratamento dos casos de papiloma oral é fundamental devido às dificuldades físicas enfrentadas pelo animal ao ingerir alimentos, à restrição da interação social com outros cães, além da ocorrência de anorexia, sialorreia, halitose, sangramento, infecções bacterianas secundárias e secreção purulenta adjacente aos papilomas ([Greene & Appel, 2011](#); [Hensel et al., 2015](#); [Lange & Favrot, 2011](#)). Abordagens não ou semi-invasivas, como excisão cirúrgica, redução do volume de lesões exofíticas por eletrocirurgia ou radiocirurgia, ressecção brusca, eletrocautério, crioterapia, esmagamento das verrugas para estímulo da resposta imune ([Hnilica & Patterson, 2011](#); [Medleau & Hnilica, 2006](#)), laser, criocirurgia ([Sellera et al., 2016](#)), terapia fotodinâmica ([Ghim et al., 2000](#)), regressão espontânea e terapias autoimunes ([Costa et al., 2025](#); [Miller et al., 2013](#); [Scott et al., 1996](#)), também têm sido descritas. Uma vacina recombinante contra o COPV apresenta resultados promissores

em casos de papilomatose oral canina que não responderam a tratamentos convencionais ([Agnihotri et al., 2015](#)).

Tratamentos como a remoção cirúrgica e a vacinação podem aumentar o tamanho das verrugas residuais e prolongar o curso da doença. A remoção cirúrgica torna-se difícil quando a extensão das lesões papilomatosas é ampla ([Kalita et al., 2022](#); [Melo et al., 2025](#); [Saibaba et al., 2016](#)). A relação entre a resolução clínica e a intervenção cirúrgica é difícil de estabelecer devido à frequente regressão espontânea desses papilomas. Além disso, o tratamento não é garantido apenas pela remoção cirúrgica das verrugas, uma vez que o papilomavírus pode permanecer no organismo do cão, levando à infecção latente e ao aumento da taxa de recorrência ([Bredal et al., 1996](#)).

No estudo de [Yağci et al. \(2008\)](#), o tratamento com azitromicina reduziu significativamente os escores clínicos ($P < 0,001$), enquanto nenhuma alteração foi observada no grupo placebo. No grupo tratado com azitromicina, as lesões cutâneas desapareceram entre 10 e 15 dias. Um caso do grupo placebo apresentou regressão espontânea dos papilomas no 41º dia; entretanto, as lesões ainda eram evidentes no 50º dia nos seis casos restantes. Não houve recorrência da papilomatose nos cães tratados com azitromicina durante o período de acompanhamento de oito meses. Nenhum efeito adverso foi observado em ambos os grupos. Apesar desses achados, os próprios autores ressaltam a necessidade de cautela na interpretação dos resultados, considerando o caráter autolimitado da doença e a possibilidade de regressão espontânea. Assim, a associação temporal entre o uso da azitromicina e a remissão das lesões não deve ser interpretada como evidência definitiva de eficácia terapêutica.

Conclusão

A papilomatose oral canina é uma enfermidade autolimitada, com alta taxa de regressão espontânea, o que dificulta a atribuição causal entre intervenções terapêuticas e a resolução das lesões. No caso descrito, observou-se remissão completa após a associação entre remoção cirúrgica e uso de azitromicina, sem recidiva no período de acompanhamento. Contudo, devido ao delineamento do estudo, não é possível atribuir a melhora exclusivamente ao antibiótico, sendo necessários estudos controlados para confirmar sua eficácia.

Referências

- Agnihotri, D., Kushwah, M., Kumar, T., Kumar, P., Kumar, A., Srikant, & Sindhu, N. (2015). Successful therapeutic management of a case of canine papillomatosis. In *Haryana Veterinarian* (Vol. 54, pp. 79–80).
- Biricik, H., Cabalar, M., & Gulbahar, M. (2008). Papilomatose oral em cão e sua terapia com taurolidina. *Acta Veterinária*, 77(3), 373–375.
- Boehm, T. M. S. A., Bettenay, S., Von Bomhard, W., Majzoub-Altweck, M., Klinger, C. J., & Mueller, R. S. (2021). A case series of canine cutaneous inverted papilloma with one case showing evidence of recurrence. *Veterinary Dermatology*, 32(3), e268–e274. <https://doi.org/10.1111/vde.12961>.
- Bredal, W. P., Thoresen, S. I., Rimstad, E., Aleksandersen, M., Nafstad, P. H. J., & Agunloye, C. A. (1996). Diagnosis and clinical course of canine oral papillomavirus infection. *Journal of Small Animal Practice*, 37(3), 138–142. <https://doi.org/10.1111/j.1748-5827.1996.tb02364.x>.
- Campbell, K. L., Sundberg, J. P., Goldschmidt, M. H., Knupp, C., & Reichmann, M. E. (1988). Cutaneous Inverted Papillomas in Dogs. *Veterinary Pathology*, 25(1). <https://doi.org/10.1177/030098588802500109>.
- Costa, L. A. da, Figueredo, K. R. da S. S., & Kolber, M. (2025). Auto-hemoterapia para o tratamento de papilomatose canina: Relato de caso. *Pubvet*, 19(01), e1717. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v19n01e1717>.
- Dias, F., Pereira, L., Cintra, C., Honsho, C., & Dias, L. G. (2013). Papilomatose oral em cães. *Enciclopédia Biosfera*, 9(17), 2008–2018.
- Feitosa, E. A. L. E. A. L., Bambirra, A. L., Pitanga, M. F., & Feitosa, E. A. L. E. A. L. (2022). Papilomavírus em conjuntiva bulbar da terceira pálpebra em um cão: Relato de caso. *PUBVET*, 16(7), 1–5. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n07a1155.1-5>.

- Fernandes, M. C., Ribeiro, M. G., Fedato, F. P., Paes, A. C., & Megid, J. (2009). Papilomatose oral em cães: revisão da literatura e estudo de doze casos. *Semina: Ciências Agrárias*, 30(1), 215–224. <https://doi.org/10.5433/1679-0359.2009v30n1p215>.
- Ghim, S. J., Newsome, J., Bell, J., Sundberg, J. P., Schlegel, R., & Jenson, A. B. (2000). Spontaneously regressing oral papillomas induce systemic antibodies that neutralize canine oral papillomavirus. *Experimental and Molecular Pathology*, 68(3), 147–151. <https://doi.org/10.1006/exmp.1999.2298>.
- Gould, A. P., Coyner, K. S., Trimmer, A. M., Tater, K., & Rishniw, M. (2021). Canine pedal papilloma identification and management: a retrospective series of 44 cases. *Veterinary Dermatology*, 32(5). <https://doi.org/10.1111/vde.12999>.
- Greene, C. E., & Appel, M. J. (2011). Canine distemper. In C. E. Greene (Ed.), *Enfermedades infecciosas: Perros y gatos* (pp. 25–41). Editora Interamericana.
- Hensel, P., Santoro, D., Favrot, C., Hill, P., & Griffin, C. (2015). Canine atopic dermatitis: detailed guidelines for diagnosis and allergen identification. *BMC Veterinary Research*, 11(1), 1–13. <https://doi.org/10.1186/s12917-015-0515-5>.
- Hnilica, K. A., & Patterson, A. P. (2011). *Small animal dermatology: a color atlas and therapeutic guide*. Elsevier Health Sciences.
- Kalita, J., Verma, P., Jakhar, J., & Patidar, S. (2022). Case report on Therapeutic Management of Canine Oral Papillomatosis. *International Journal of Pharmaceutical Research and Applications*, 7(1).
- Kuntsi-Vaattovaara, H., Verstraete, F. J. M., Newsome, J. T., & Yuan, H. (2003). Resolution of persistent oral papillomatosis in a dog after treatment with a recombinant canine oral papillomavirus vaccine. *Veterinary and Comparative Oncology*, 1(1), 57–63. <https://doi.org/10.1046/j.1476-5829.2003.00005.x>.
- Lange, C. E., & Favrot, C. (2011). *Papilomavírus canino*. *Veterinary Clinics of North America. Small Animal Practice*, 41(6), 1183–1195. <https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2011.08.003>.
- Lange, C. E., Jennings, S. H., Diallo, A., & Lyons, J. (2019). Canine papillomavirus types 1 and 2 in classical papillomas: High abundance, different morphological associations and frequent co-infections. *The Veterinary Journal*, 250, 1–5. <https://doi.org/10.1016/j.tvjl.2019.05.016>.
- Medleau, L., & Hnilica, K. A. (2006). *Small animal dermatology*. Editora Roca.
- Melo, C. B., Jantorno, G. M., Castro, M. B., Lima, E. M. M., & Bastianetto, E. (2025). Canine Oral Papillomatosis - Treatment with Association of Azithromycin and Meloxicam. *Acta Scientiae Veterinariae*, 53. <https://doi.org/10.22456/1679-9216.142719>.
- Miller, R. L., Gerster, J. F., Owens, M. L., Slade, H. B., & Tomai, M. A. (1999). Review article Imiquimod applied topically: A novel immune response modifier and new class of drug. *International Journal of Immunopharmacology*, 21(1), 1–14. [https://doi.org/10.1016/S0192-0561\(98\)00068-X](https://doi.org/10.1016/S0192-0561(98)00068-X).
- Miller, W. H., Griffin, C. E., Campbell, K. L., & Muller, G. H. (2013). *Muller and Kirk's Small Animal Dermatology*. Elsevier Health Sciences.
- Monteiro, V. L. C., & Coelho, M. C. O. C. (2008). *Thuja occidentalis* e papilomatose. *Brazilian Homeopathic Journal*, 10(1).
- Munday, J. S., Thomson, N. A., & Luff, J. A. (2017). Papillomaviruses in dogs and cats. *The Veterinary Journal*, 225, 23–31. <https://doi.org/10.1016/j.tvjl.2017.04.018>.
- Nicholls, P. K., Klaunberd, B. A., Moore, R. A., Santos, E. B., Parry, N. R., Gough, G. W., & Stanley, M. A. (1999). Natural and Non-Regressive Infection by Canine Oral Papillomavirus: Host Immunity, Virus Characterization, and Experimental Infection. *Virology*, 265, 265–374. <https://doi.org/10.1006/viro.1999.0060>.
- Queiroz, F. F., Rodrigues, A. B. F., Di Filippo, P. A., Almeida, A. J., & Silveira, L. S. (2015). *Thuja occidentalis* CH12 as an alternative treatment to dog papillomatosis. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, 17, 945–952. https://doi.org/10.1590/1983-084x/14_111.
- Raj, P. A. A., Pavulraj, S., Kumar, M. A., Sangeetha, S., Shanmugapriya, R., & Sabithabanu, S. (2020). Therapeutic evaluation of homeopathic treatment for canine oral papillomatosis. *Veterinary World*, 13(1), 206–213. <https://doi.org/10.14202/vetworld.2020.206-213>.

- Richman, A. W., Kirby, A. L., Rosenkrantz, W., & Muse, R. (2017). Persistent papilloma treated with cryotherapy in three dogs. *Veterinary Dermatology*, 28(6), 625-e154. <https://doi.org/10.1111/vde.12469>.
- Saibaba, M., Veena, P., Vani, G., Reddy, K. S., & Suresh, K. R. V. (2016). Management of Canine Oral Papillomatosis-A case Report. *School Journal Agriculture Veterinay Science*, 3(3), 249.
- Sancak, A., Favrot, C., Geisseler, M. D., Muller, M., & Lange, C. E. (2015). Os títulos de anticorpos contra o papilomavírus canino tipo 1 atingem o pico próximo à regressão clínica na papilomatose oral de ocorrência natural. *Veterinary Dermatology*, 26, 57-e20. <https://doi.org/10.1111/vde.12189>.
- Scott, D. W., Miller Junior, W. H., Griffin, C. E., & Figueiredo, C. (1996). Muller & Kirk, dermatologia de pequenos animais. In *Muller & Kirk, dermatologia de pequenos animais* (pp. xi1130–xi1130). Interlivros.
- Sellera, F. P., Nascimento, C. L., & Ribeiro, M. S. (2016). *Photodynamic therapy in veterinary medicine: From basics to clinical practice*. Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-45007-0>.
- Suhett, W. G., Barboza, R. E., Zanette, D. F., Hasuda, A. H., Flaiban, K. K. M. C., Hasuda, A. L., Crespo, S. E. I., Alfieri, A. F., & Bracarense, A. P. F. R. L. (2016). Papilomatose oral canina: Relato de caso. *Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública*, 3, 198–201.
- Sundberg, J. P., Smith, E. K., Herron, A. J., Jenson, A. B., Burk, R. D., & Van Ranst, M. (1994). Involvement of Canine Oral Papillomavirus in Generalized Oral and Cutaneous Verrucosis in a Chinese Shar Pei Dog. *Veterinary Pathology*, 31(2), 183. <https://doi.org/10.1177/030098589403100204>.
- Thaiwong, T., Sledge, D. G., Wise, A. G., Olstad, K., Maes, R. K., & Kiupel, M. (2018). Malignant transformation of canine oral papillomavirus (CPV1)-associated papillomas in dogs: An emerging concern? *Papillomavirus Research*, 6, 83–89.
- Vieira, L. C., & Poggiani, S. S. C. (2012). Papilomatose canina. *PUBVET*, 6(16), Art. 1357.
- Yağci, B. B., Ural, K., Öcal, N., & Haydardedeoğlu, A. E. (2008). Azithromycin therapy of papillomatosis in dogs: A prospective, randomized, double-blinded, placebo-controlled clinical trial. *Veterinary Dermatology*, 19(4), 194–198. <https://doi.org/10.1111/j.1365-3164.2008.00674.x>.

Histórico do artigo:**Recebido:** 10 de novembro de 2025**Aprovado:** 12 de dezembro de 2025**Licenciamento:** Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4.0), a qual permite uso irrestrito, distribuição, reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam devidamente creditados.

Anexo 1. Resultado do exame histopatológico de papilomatose oral viral.

DESCRIÇÃO MACROSCÓPICA
Material: Dois fragmentos , o maior medindo 0,7 x 0,6 x 0,4 cm, e o menor 0,5 x 0,5 x 0,2 cm, ambos os fragmentos exofíticos, macios, heterogêneos, esbranquiçados e pardacentos. Ao corte, mesma macroscopia. Material totalmente representado e submetido a processamento histológico. (Nº de blocos/cassetes: 1; Nº de fragmentos: 6).
DESCRIÇÃO MICROSCÓPICA
Amostras caracterizadas por proliferação vegetativa do epitélio com cristas extensas e papilas dérmicas profundas, de eixo conjuntivo altamente vascularizado. Formadas por hiperplasia epitelial acentuada e difusa, com grânulos de querato hialina proeminentes e abundantes, coloicítose moderada e hiperqueratose moderada a acentuada. Figuras de mitose de 9 e 7 em 2,37 mm ² . Inclusões virais intranucleares raras em extrato granuloso. Em meio a proliferação, infiltrado de linfócitos, eosinófilos e macrófagos, leve e multifocal, proliferação de fibroblastos e colágeno leve. Proliferações observadas em toda a extensão de fragmentos.
DIAGNÓSTICO
<i>Fragmentos 1 e 2. Papiloma viral oral.</i>